

A RELAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO GRUPO DE ESTUDOS GRAVA

Área Temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: Prof^ª Dr^ª Joedy Luciana Barros Marins Bamonte

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP) – Campus de Bauru

Raisa Ariane Bonani; Prof^ª Dr^ª Joedy Luciana Barros Marins Bamonte

Resumo

O presente resumo traz um relato de experiência discente no GRAVA – Grupo de Estudos em Artes Visuais e Audiovisuais, o qual tem por objetivo a produção plástica e teórica dos alunos. Vinculado ao Projeto de Extensão Universitária “Centro de Pesquisa Plástica”, o grupo surgiu de uma proposta que auxilia no amadurecimento acadêmico, teórico e artístico dos alunos. O projeto oferece atividades, não obrigatórias, aos alunos como uma oportunidade para expandirem suas investigações plásticas tendo respaldo docente. Relatado de acordo com as vivências de Raisa Ariane Bonani, aluna Curso de Educação Artística – habilitação em Artes Plásticas.

Palavras-Chave: Artes plásticas; Poéticas Artísticas; Teoria da Arte.

Introdução

Sendo um projeto de extensão em andamento desenvolvido pela Prof^ª Dr^ª Joedy Luciana Barros Marins Bamonte, vinculado ao Departamento de Artes e Representação Gráfica da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, locado no Campus de Bauru da UNESP, o Centro de Pesquisa Plástica tem como principal proposta a produção e a difusão cultural e artística em Artes Plásticas, proporcionando aos alunos de Educação Artística um espaço para desenvolverem projetos teóricos/práticos. De maneira mais específica, as investigações para esses projetos ocorrem no Grupo de Estudos de Artes Visuais e Audiovisuais (GRAVA).

Destacando a vivência da aluna Raisa Ariane Bonani, bolsista no projeto desde 2009 (início do projeto), o presente texto busca observar de que maneira o contato com o grupo pode favorecer o crescimento acadêmico do discente, por ser uma atividade complementar às desenvolvidas em sala de aula, voluntária e sem vínculo com notas, que estenderá os conhecimentos adquiridos em sala de aula à comunidade.

O GRAVA, sendo um grupo de estudos que visa à produção plástica também oferece o acompanhamento do processo de desenvolvimento da produção artística do aluno, uma proposta paralela ao curso voltado para a Licenciatura, o qual nem sempre poderá atender a essas necessidades.

Desde de 2009, a aluna produziu duas séries de fotografias e uma pesquisa sobre ilustração científica, exercícios que possibilitaram uma mudança em seu olhar sobre a linguagem escolhida e sua estrutura compositiva, como recortes feitos pelo olhar, da mesma forma que acontece com outras criações artísticas, principalmente bidimensionais. Tais experiências resultaram em produções divulgadas posteriormente em congressos e simpósios, aguçando o interesse da aluna em continuar suas pesquisas acadêmicas de acordo com os temas estudados.

Como bolsista, a aluna também obteve experiência quanto ao funcionamento e estrutura de um grupo de estudos e de um projeto de extensão, no que diz respeito a sua organização,

como, por exemplo, na elaboração das atas dos encontros ocorridos e o registro da frequência dos alunos.

Material e Metodologia

Em 2009, aproveitando o concurso “Fotografe o Campus” promovido pela UNESP Campus de Bauru, os alunos que freqüentavam o grupo de estudos desenvolveram uma série de fotografias do Campus. Após as fotos serem tiradas, houve uma análise do material produzido junto à orientadora, apontando pontos positivos e negativos, explorando-se o olhar artístico frente às composições.

A segunda proposta para o grupo, também em 2009, ocorreu na casa Ponce Paz, localizada no centro de Bauru, tratando-se de um projeto que vem atraindo o interesse da comunidade local no que diz respeito à revitalização e restauração na cidade. Visando destacar detalhes e particularidades encontrados no edifício, o grupo de estudos foi convidado a participar da “I Semana de Arte” com a exposição de uma série fotográfica virtual.



Figura 1: Sem Título; Raisa Bonani; Fotografia digital (color); 2009.



Figura 2: Sem Título; Raisa Bonani; Fotografia digital (color); 2009.



Figura 3: Sem Título; Raisia Bonani; Objeto; Técnica mista; 33 x 33 cm; 2009. (BAMONTE, 2009)

No ano de 2010, os membros do grupo desenvolveram produções práticas e teóricas de acordo com temas por eles escolhidos. Raisia Bonani iniciou uma pesquisa sobre ilustração científica, publicando os resultados em anais de congressos de extensão e de iniciação científica (nacionais e internacionais) e um artigo na revista digital Educação Gráfica, no qual especifica a obra do artista plástico Walmor Corrêa (BONANI; BAMONTE, 2010). Essas pesquisas vieram a influenciar suas produções em sala de aula, principalmente na disciplina Desenho II, também ministrada pela Prof^ª Dr^ª Joedy Bamonte, resultando em uma série de desenhos baseados nas características específicas das ilustrações botânicas e na elaboração de um trabalho com desenhos de borboletas, influenciado pelas obras de Walmor Corrêa, criações que hibridizam a biologia e seres imaginários. Nesse percurso, observa-se o percurso feito pela aluna quando o projeto a faz retornar à sala de aula com os conteúdos trabalhados e amadurecidos no grupo. Atualmente, a aluna tem se dedicado ao desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, dando continuidade às investigações mencionadas e reforçando os vínculos estabelecidos entre as atividades de extensão e da graduação.

Resultados e discussões

As produções práticas e teóricas demonstram o crescimento acadêmico, discente, decorrente, em parte, dos processos ocorridos dentro do espaço que o GRAVA promove, aberto para o desenvolvimento de atividades, pesquisas artísticas e teóricas.

Os exercícios fotográficos também despertaram grande prazer na aluna, que, a partir de então passou a “ver a fotografia com outros olhos” e, principalmente, agora por estar matriculada na disciplina de Fotografia, quando traz novamente, de maneira específica, os conhecimentos trabalhados no grupo para o interior da sala de aula. A pesquisa sobre Ilustração Científica possibilitou o crescimento teórico sobre o tema, incentivando a produção acadêmica e a experiência na participação de congressos e publicação de artigos. Essa atividade também propôs um estudo sobre o desenho sob um olhar diferenciado, apresentando à aluna a dicotomia existente entre a arte e a ciência, influenciando diretamente a escolha do tema do trabalho de conclusão de curso que será realizado ainda este ano pela aluna.

Conclusão

Sob o olhar de um de seus membros, percebe-se como as atividades desenvolvidas junto ao GRAVA podem proporcionar aos alunos de Educação Artística uma maior vivência para suas produções teóricas e práticas, ao conviver com outros colegas e ter um professor para orientá-los de maneira que tenham um melhor aproveitamento em suas experimentações. Por dar enfoque às artes visuais e à difusão cultural, o grupo como um todo pode exercitar os conhecimentos adquiridos na graduação, obtendo crescimento em especificidades que interessam a cada aluno, individualmente. As atividades desenvolvidas provocaram mudanças a partir da reflexão conceitual frente ao fazer artístico, principalmente no que tange ao desenho e à fotografia. De forma positiva, também foram motivados a participarem de congressos e de outros eventos científicos e artísticos, o que vem a caracterizar a extensão e a auxiliar na inserção do graduando dentro de um contexto maior, em direção à atuação profissional que exercerá em um futuro próximo.

Referências

- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual**. São Paulo: Pioneira, 2000.
- BONANI, Raisia A.; BAMONTE, Joedy L. B. M. A Ilustração científica nas obras de Walmor Corrêa. In.: Revista Educação Gráfica. N. 02 v. 13. Bauru, UNESP, 2009.
- DONDIS, Donis. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- PLAZA, Julio, TAVARES, Mônica. **Os processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- CORRÊA; Walmor. Disponível em: <<http://www.walmorcorrea.com.br>. > Acesso em: 05 ago. 2009.

ARTESANATO E IDENTIDADE TERRITORIAL NO LITORAL DO PARANÁ

Área temática: Trabalho

Responsável pelo trabalho: Mayra Taiza SULZBACH

Instituição: Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Autores: Mayra T. SULZBACH¹; Silvana A. M. SILVA²; Renata P. MARTINS³; Bruna X. MIRANDA³; Ellen C. S. M. LIMA³; Gabriela Levy ALVAREZ³; Daiane C. B. CHAGAS³

Resumo

Poucas ações e medidas de desenvolvimento têm sido pautadas a favor da atividade artesanal do Litoral do Paraná. A falta de um diálogo mais amplo e direcionado, neste setor e com os poderes/gestores públicos, ocasiona má organização do artesanato na Região, que tende a ser marginalizado e deixado em segundo plano dentre as prioridades municipais. A promoção da capacitação de artesãos, o incentivo à criação de empreendimentos solidários e a conquista por espaços coletivos para comercialização do produto artesanal local, somado ao potencial turístico e a identidade territorial da costa paranaense são os motivos que impulsionam o propósito extensionista de um grupo de atores sociais, que conscientes do potencial sucesso que a atividade pode almejar ao receber maior atenção da sociedade se juntam a demais atores como o mesmo propósito a fim de promovê-lo. A partir de resultados gerados por um diagnóstico socioambiental com artesãos desta Região traçou-se um perfil do setor artesanal no Litoral do Paraná, o qual embasou as atividades de intervenção de um projeto nas comunidades. O incentivo à valorização e ao fortalecimento da identidade territorial da Região junto aos artesãos, também foi objetivo do Projeto, pois este serviria de meio para proporcionar melhores condições de vida às pessoas que vivem do artesanato, bem como de motivação para uma construção coletiva e o fortalecimento dos diferentes atores sociais envolvidos.

Palavras-chave: artesanato; identidade territorial; capacitação.



¹ Professora da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral e Coordenadora do Projeto de Extensão.

² Aluna da Especialização em Questões Sociais e Bolsista Recém Formada do Projeto de Extensão.

³ Alunas da Graduação da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral e Bolsistas do Projeto de Extensão.

Introdução

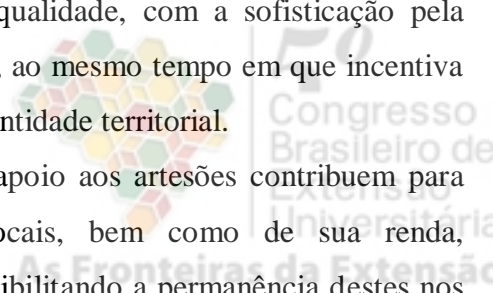
O Litoral paranaense apresenta manifestações populares caiçaras características de sua identidade cultural que necessitam de especial atenção. Esta região é composta pelos municípios de Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná, ocupando 3,3% do território do Estado e corresponde a 2,2% da população do Paraná (IPARDES, 2010). Nestes municípios se desenvolvem atividades agropecuárias, industriais e portuárias, além da pesca, do artesanato e de práticas extrativistas, estas últimas de extrema importância para a população local, que ainda apresenta características tradicionais transmitidas pelos seus antepassados.

A produção artesanal destaca-se pela vocação natural da Região, por consequência do turismo de lazer e por não exigir elevados níveis de escolaridade e de investimento. Os produtos deste segmento são diversos, vão desde os trabalhos manuais a partir de matérias primas manufaturadas - bordados, pinturas, corchê etc - até artigos elaborados artesanalmente com matérias primas regionais - conchas, couro de peixe, fibras vegetais, barro, bambu, entre outros.

O setor artesanal da Região é representado por associações, cooperativas e grupos informais. Todavia, não existe um elemento integrador entre essas organizações, tampouco uma estratégia consensual com respeito às prioridades do setor, neste sentido, um projeto de extensão, idealizado por profissionais da UFPR Setor Litoral, foi elaborado com o intuito de auxiliar na organização da atividade local, buscando apoio junto as instituições interessadas em formar uma rede de trabalho integrada, valorizando o produto desenvolvido no Litoral paranaense, bem como as pessoas que vivem neste lugar.

Este Projeto denominado “Artesanato com Identidade Territorial do Litoral do Paraná”, busca também apoiar a vocação do território relacionada à atividade artesanal, valorizando o conjunto de suas condições socioambientais intimamente ligadas à sua identidade territorial, respeitando sua evolução ao longo do tempo, através da identificação dos elementos que a tornam única e inimitável. O desenvolvimento de um entorno socialmente favorável possibilita uma produção de qualidade, com a sofisticação pela incorporação de insumos e técnicas de aprimoramento, ao mesmo tempo em que incentiva os saberes locais, com o resgate e fortalecimento da identidade territorial.

Ações de articulação, capacitação técnica e apoio aos artesãos contribuem para elevar a qualidade dos produtos dos artesãos locais, bem como de sua renda, proporcionando melhorias na qualidade de vida e possibilitando a permanência destes nos



seus locais de origem. Neste sentido estas ações e diretrizes são abordadas e trabalhadas junto às comunidades locais no Projeto.

Material e Metodologia

Para fundamentar as ações previstas no Projeto utilizou-se como ferramenta metodológica: uma pesquisa com questionários semi-estruturados, de caráter principalmente quantitativo, do qual se obteve os dados primários das comunidades artesãs do litoral paranaense; a observação-participante, visando um prévio reconhecimento das particularidades que envolvem o Setor.

Esta enquête foi aplicada entre os meses de fevereiro e junho de 2009, para 144 artesãos residentes dos sete municípios que compõem o Litoral do Paraná, sendo realizadas em visitas às comunidades e em eventos para os artesãos promovidos pelo Projeto.

Num primeiro momento foram selecionados entrevistados somente artesãos que trabalhavam com matéria-prima regional e/ou elementos de sua identidade. No entanto, a escassez de dados a respeito do Setor e a diversidade dos tipos de artesanato e trabalhos manuais identificados indicavam que as ações deveriam ser estendidas a todos os artesãos residentes no Local, possibilitando ampliar o horizonte de toda a comunidade local.

A aproximação dos extensionista da universidade com as secretarias de cultura ou outras que tinham a incumbencia de apoiar o setor artesanato dos municípios provoveu diálogos informais com lideranças locais e informações privilegiadas. Por outro lado, as vivências em campo, também foram etapas fundamentais neste processo de caracterização do setor artesanal, ampliando o contato com as pessoas diretamente envolvidas com o artesanato da Região.

A partir do levantamento foram redefinidas as ações do Projeto, uma vez que o diagnóstico revelou informações fundamentais para as ações que foram planejadas. A sistematização de alguns dados fornecidos pelos questionários encontra-se descrita a seguir, em um breve diagnóstico da realidade encontrada.

No decorrer da execução da proposta do Projeto as ações concentraram-se especialmente junto os artesãos dos municípios de Antonina e Morretes, locais que melhor receberam este propósito extensionista, sendo assessorados através de oficinas de capacitação em cooperativismo e formas associativas, empreendedorismo, design com identidade local, estudos mercadológicos, entre outras demandas.

No período de 2009-2010, três importantes ações coletivas envolvendo todos os municípios litorâneos foram realizadas: organização e execução do I Encontro sobre o

Artesanato no Litoral do Paraná, do evento “Rede Social para o Desenvolvimento do Artesanato no Litoral do Paraná e de um dos Fóruns Regionais de Economia Solidária e I Feira de Produtores Artesanais do Litoral do Paraná (durante a execução ocorreu a participação em todos os Fóruns). A equipe do Projeto também realizou entre outras formas de apoiar o Setor: um mapeamento das feiras de artesanato e das festas comemorativas de datas no Litoral do Paraná e cursos de capacitação em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Estado do Paraná – SENAR.

O Projeto para os alunos universitários envolvidos aspira contemplar a tríplice, ensino, pesquisa e extensão, proporcionando a eles um processo de aprendizagem diferenciado, especialmente pelo um retorno destes à comunidade local, já que estudam em uma universidade pública.

Resultados e Discussões

Foram aplicados 144 questionários aplicados nos municípios do Litoral do Paraná, 33 eram residentes em Matinhos, 28 em Guaratuba, 24 em Morretes, 20 em Antonina, 16 em Pontal do Paraná e 16 em Paranaguá. Guaraqueçaba contava com apenas 7 entrevistados, devido a dificuldade de acesso e também pelos artesãos estarem diluídos nas diversas comunidades do Município, de grande extensão territorial.

O artesanato como principal atividade, era desenvolvido, principalmente por mulheres, com 79% do total, enquanto que apenas 21% são do sexo masculino. Grande parte dos artesãos entrevistados tinha idade entre 51 e 60 anos (35%), e geralmente aposentados.

Do total da população entrevistada 61% eram de origem de cidades do interior do Paraná e de variados outros estados brasileiros. Enquanto que apenas 19% eram oriundos do Litoral e 20% de Curitiba.

Esse processo de reconhecimento da identidade cultural das cidades de origem dos artesãos é bem interessante, deixando um contraponto, ao mesmo tempo em que estes artesãos de outras localidades dissolvem parte dos costumes locais, inserem elementos novos, que possibilitam criações com maior diversidade cultural e artística, transformando a identidade do território.

Conclusões

Resultados apresentados neste artigo revelam a realidade de uma pequena parcela de artesãos. Sabe-se que existem muito mais trabalhadores do que os identificados, sendo



interessante ampliar a amostragem para que esta englobe maior número de artesãos que vivem isolados ou afastados da cidade, nas áreas rurais.

Quanto à questão da identidade territorial refletida no artesanato local, observa-se que é grande o número de praticantes que se utiliza de técnicas desenvolvidas a partir de matérias primas manufaturadas, sendo uma característica principalmente dos que vivem mais próximos dos centros urbanos. Nas regiões mais afastadas ou isoladas, o artesanato tem um caráter mais regional, com maior utilização de matérias-primas naturais - recursos vindos da mata, dos estuários e do mar.

Diante do cenário aqui apresentado, destaca-se a necessidade dos poderes públicos em darem maior atenção ao setor artesanal da Região, investindo em capacitação técnica; organização e gestão de grupos; criação de espaços coletivos e fixos de comercialização; apoio na busca de novos mercados; divulgação dos municípios e dos produtos regionais. Assim, se contribuirá com o aumento da renda e qualidade de vida destas famílias, além de fortalecer sua identidade territorial.

O Projeto de extensão encontra-se em fase final de sua segunda etapa e pretende dar continuidade em outras possibilidades de renovação, mantendo assim o ritmo das suas atividades, onde as transformações e conquistas do Setor se mostram visíveis em planos de ação participativos, e em longo prazo.

Referências

PARANÁ. Secretaria de Estado e Ação Social e Secretaria de Estado e Cultura. **Desvendando o artesanato:** uma contribuição para o programa de artesanato paranaense. Curitiba, 1994.

PEREIRA, C.J.C. **Artesanato:** Definições, Evolução e ação do Ministério do Trabalho; o programa nacional de desenvolvimento do artesanato. Brasília: MTB, 1979.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Fundação Paranaense de Cultura. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Paranaguá.** Paranaguá, 2006.

VIVES, V. de. A beleza do Cotidiano. In. RIBEIRO, B. (org). **O Artesão Tradicional e o seu papel na sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1984.



COMCULTURA: DO MAPEAMENTO CULTURAL A PRÁTICA JORNALÍSTICA

Área temática: Cultura

SILVA, Alan Milhomem

Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Campus Imperatriz

SILVA, Alan Milhomem⁽¹⁾; SILVA, Wênia Hyana Reis⁽²⁾; COSTA, Diana Cardoso⁽³⁾

(1) Graduando do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão e Colaborador do Projeto ComCultura - Univer

(2) Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão e Bolsista do Projeto ComCultura

(3) Graduanda do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão e Colaborador do Projeto ComCultura

RESUMO

O projeto de extensão Comunicação e Cultura – COMCULTURA, nasceu em 2009 com atividades interdisciplinares, objetivando relacionar e aproximar as práticas de comunicação, os movimentos culturais de Imperatriz e a Universidade Federal do Maranhão – Campus de Imperatriz. Este artigo visa apresentar as ações desenvolvidas por esse projeto até o primeiro semestre de 2011, destacando o mapeamento de seis movimentos culturais de Imperatriz e diversas atividades, enfatizando sempre a cultura local. As conclusões preliminares do projeto nos apontam a urgência de tornar conhecidas as diversas manifestações artísticas da região, bem como a necessidade de discussões teóricas sobre o assunto em questão.

Palavras-Chave: Comunicação; Cultura; COMCULTURA.

INTRODUÇÃO

O Projeto COMCULTURA visa realizar articulações entre práticas de comunicação e movimentos culturais, por meio de compartilhamento teórico-artístico e discussão de temas pertinentes a área. No intuito de atingir o objetivo proposto, o projeto começou em julho de 2010 o mapeamento cultural de Imperatriz. Os resultados desse trabalho são apresentados a Universidade e a sociedade imperatrizense, na expectativa de reconhecimento e valorização da arte local. Além de promover intervenções que venham contribuir na manutenção dessas atividades, seja na capitalização de recursos, como na

qualificação profissional dos sujeitos envolvidos. O COMCULTURA assume assim forma de uma política pública de cultura, desenvolvendo estratégias (encontros) que promovam o contato cultural entre diferentes atores: peças teatrais, dança, música, intervenções urbanas, workshops, palestras, debates e outros eventos científico-culturais, além é claro de buscar espaços para esses grupos que muitas vezes são sufocados com os produtos da indústria cultural.

Com esse projeto os acadêmicos adquirem experiência profissional no âmbito do mercado de bens simbólicos como: a construção de uma rede de contato com o setor; aproximação com o mundo da pesquisa; a percepção da Universidade como lócus de saberes, mas também a difusão, divulgação e sociabilização desses conhecimentos, por meio de intervenções na sociedade, bem como a produção de matérias para a editoria de cultura da imprensa local, que carece e muito de fomento. Imperatriz vive hoje um processo de grandes transformações, em que se percebe a divergência entre a tradição e o progresso, o rural e o urbano, o local e o global. Essa glocalização, isto é, essa tensão entre o local e o global, principalmente percebida nos bens culturais resulta na forma de ser e estar dos sujeitos.

Cabe a nós perceber e mostrar essas “ressignificações culturais” (CANCLINI, 1997) no espaço acadêmico, a fim de fomentar a diversidade cultural da região e redescobrir/conhecer identidades culturais que geralmente são silenciadas ou abafadas por culturas hegemônicas. Vale lembrar que entendemos como cultura o conjunto de significados que integram práticas sociais, num processo contínuo de formação de identidades (HALL, 2006), e que as ações são balizadas pelas mediações (BARBEIRO, 2008) e pelos “significados e interpretações” (GEERTZ, 1989).

Assim, percebe-se que a comunicação ganha destaque nas sociedades contemporâneas ao configurar como mediadora das relações sociais, políticas e culturais, assumindo o papel de espaço público privilegiado no mundo contemporâneo – que se ambienta pelas tecnologias da informação e pelos processos de globalização e mundialização/glocalização da cultura. Nesse sentido, o projeto COMCULTURA apresenta relevante função social, tendo em vistas a possibilidade de fortalecimento e a proliferação de identidades locais, reconhecendo a multiculturalidade da Região Tocantina, frente aos apelos dos processos estaduais/nacionais/globais de homogeneização cultural.

Diante a realidade que se encontra Imperatriz, cidade onde o projeto é realizado, em relação as transformações que vem ocorrendo no município, seja no desenvolvimento econômico, ou no crescimento da cidade, e a realidade do campus da Universidade Federal

do Maranhão (UFMA) em Imperatriz, que ainda se mantém distanciamento dos grupos/produtores culturais da cidade, o projeto COMCULTURA tem como objetivo articular reflexões teóricas e produções artísticas, em práticas de comunicação, no Campus da UFMA, em Imperatriz – MA.

METODOLOGIA

O projeto COMCULTURA iniciou suas atividades no segundo semestre de 2009, inicialmente foram realizados encontros para discussão de textos referentes à comunicação e cultura, essas discussões sempre acontecem até hoje. Nesse período também foram realizados dois eventos, foi a noite cultural da primeira Conferência Municipal de Comunicação de Imperatriz, evento este que serviu para lançar o projeto para comunidade acadêmica. Ainda em 2009 o projeto realizou as três noites do III Simpósio de Comunicação da Região Tocantina, nessas noites grupos culturais e cantores da cidade se apresentaram, foi o primeiro contato com os produtores culturais da cidade, na ocasião estiveram presentes o grupo de dança Kizomba, que apresentou várias danças típicas da região, como cacuriá e quadrilha, e os cantores Zeca Tocantins e Neném Bragança, ambos são artistas de renome na cidade e que vivem de seus produtos, músicas, shows e livros. Nesse evento começamos a mostrar variedades da cultura local, apresentando alternativas de ritmos, danças e músicas para os participantes do simpósio.

No ano de 2010 o grupo continuou com as leituras, e em maio realizou seu primeiro evento teórico-cultural, foi a oficina de Softwares Livres e Discotecagem, com o tema “Multimídia no Linux”, comandada pelo bibliotecário e professor da UFMA de São Luís, Roosevelt Lins e o músico e aluno do curso de Comunicação Social da Faculdade São Luís. Na primeira parte do evento foi discutido a privatização da cultura e direitos autorais, além da apresentação dos softwares livres. Na parte prática os participantes aprenderam a discotecar, e no fim do dia foi realizado uma amostra dos trabalhos desenvolvidos na oficina.

Os membros do COMCULTURA também montaram uma lista de grupos/movimentos culturais da cidade para iniciarmos o mapeamento cultural, o primeiro grupo a ser visitado foi o BATALHÃO REAL, grupo que dança lindô e mangaba, tendo a frente Dona Francisca do Lindô. Esse é um grupo antigo que todos os anos se apresentam com suas danças em eventos da cidade, principalmente na época de festas juninas, mas é um grupo carente e que sofre com a falta de políticas públicas de cultura. O grupo foi selecionado em um edital do Ministério da Cultura há alguns anos, conseguiram, como o

dinheiro, comprar instrumentos, a pesar de, como relatou Dona Francisca, alguns serem desviados pela fundação cultural da cidade. O COMCULTURA, filmou, gravou e fotografou a entrevista com Dona Francisca, pois utilizamos o método etnográfico, material esse que servirá para a montagem de um catálogo sobre as manifestações culturais da cidade. Após essa visita o Grupo Batalhão Real foi levado para a Universidade onde lançou seu CD e fez uma apresentação para a comunidade acadêmica.

Outro grupo visitado foi a Cia de Teatro Okazajo, companhia que há dez anos leva alegria e cultura aos palcos do Teatro Ferreira Gullar, além das escolas da cidade. Esse grupo trabalha com peças de escracho, em que lugares, pessoas, programas, instituições, personalidades e empresas da cidade são satirizados nos textos das peças teatrais. A Cia reclama da falta de incentivo por parte da fundação cultural da cidade, que não investe na realização de projetos, como na formação dos atores, estes são todos amadores nenhum é profissional. A formação foi a principal queixa do grupo para o projeto, inclusive pedindo apoio do COMCULTURA. O projeto está trabalhando para conseguir professores da UFMA, campus de São Luís para realizar formação com Cia Okazajo.

Depois dessas entrevistas o COMCULTURA preparou as três noites do IV Simpósio de Comunicação da Região Tocantina. Nesse evento foram realizadas três noites temáticas, a primeira foi cultura popular, na qual o grupo Batalhão Real se apresentou e lançou seu cd. Na segunda noite o tema foi „pratas da casa“, em que alunos e professores mostraram seus dons artísticos cantando para os presentes, tocando forró, rock, MPB e reggae. No terceiro dia foi a noite do hip hop, em que o break, o grafite – aqui um painel foi grafitado –, a discotecagem e manobras de skate tomaram conta da UFMA, a festa ficou sob o comando do grupo Depoimento Pessoal.

Em 2010 o COMCULTURA, foi contemplado com o edital proext. Agora em 2011 o COMCULTURA desenvolverá esse projeto que prevê seis encontros teórico-culturais. Iniciamos como a continuação do mapeamento cultural, visitamos o Cia Sotaque de Rua que é um grupo de dança que foi contemplado com vários projetos de cultura, inclusive com o projeto ponto de culta, do Ministério da Cultura. A Cia apresenta diversos espetáculos de danças que varia de acordo com a época do ano, indo do carnaval, as festas juninas e o natal, comandados por Ozório Neto.

Outro grupo visitado esse ano foi o grupo da Festa do Divino do município de São Miguel do Tocantins, município vizinho a Imperatriz. Esse grupo realiza essa festa há muito anos e a comunidade local cresceu em torno dessa festa. Esses dois grupos – Sotaque de Rua e Festa do Divino – estão presentes no primeiro evento teórico-cultural do

COMCULTURA em 2011, que está previsto para os dias 6 e 7 de junho. Portanto, o projeto COMCULTURA trabalha com o método etnográfico, fazendo visitas e entrevistas a grupos/manifestações culturais da cidade e depois realiza eventos na Universidade com esses grupos para mostrar a academia o trabalho de artistas e a cultura local, utilizando assim a Universidade como mediadora desse diálogo entre a sociedade e grupos da cultura local.

RESULTADOS

Ate o momento o COMCULTURA conseguiu estabelecer um diálogo maior entre a Universidade e os grupos de cultura local, bem como o fomento a editoria de cultura nos meios de comunicação da cidade e estadual, na qual foram publicados matérias, vivências e perfis dos grupos de cultura visitados pelo projeto. Nesse período de desenvolvimento do COMCULTURA os alunos conseguiram estabelecer contatos com grupos de cultura local, bem como pô em prática técnicas de pesquisa e extensão, além das praticas jornalísticas elaborando matérias para a imprensa local e para o blog do projeto. Resultou também desse projeto a monografia da, agora jornalista, Lúcia Pacheco que era membro do COMCULTURA, além de outra peça prática que está sendo desenvolvido pelas alunas Diana Cardoso e Wênia Hyana, ambas do projeto COMCULTURA. Durante a atuação do mesmo verificou-se a necessidade de leitura e discussão sobre a temática em questão, assim como o mapeamento dos grupos de cultura local, tendo em vista que alguns estão acabando se o conhecimento da sociedade imperatrizense. Assim, o COMCULTURA tem contribuído para o fortalecimento das identidades e da cultura local reconhecendo a diversidade que forma a cultura de Imperatriz.

BIBLIOGRAFIA

BARBERO, Jesús Martín. Dos meios as mediações. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

GERRTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GERRTZ, Clifford. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HAAL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.



DESIGN SOCIAL: GERAÇÃO DE RENDA E RESGATE CULTURAL ATRAVÉS DO DESIGN ASSOCIADO AO ARTESANATO

Área temática

Cultura

Responsável pelo trabalho

Carolina Iuva de Mello

Instituição

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Autores

Caroline Muller; Rosimeri Pichler; Nathalia Beltrame; Carolina Iuva de Mello; Fabiane Vieira Romano; Luciana Flores Battistella.

Resumo

Com o intuito de aproximar os acadêmicos de design às necessidades reais da sociedade, criou-se o projeto de extensão “Design Social: geração de renda e resgate cultural através do design associado ao artesanato” cujo objetivo é promover melhorias reais à comunidade atendida, tanto econômica quanto socialmente, além de resgatar a cultura e os costumes gaúchos da região através do artesanato. A metodologia do projeto do ponto de vista de sua natureza é uma pesquisa aplicada, e na forma de abordagem do problema é uma pesquisa qualitativa. Para o desenvolvimento da ação de extensão adotou-se uma metodologia própria baseada em outras ações de mesmo cunho. Como objetivos específicos destacam-se a integração com a comunidade, conhecendo suas características e costumes; a geração de alternativas e formas de fabricação dos produtos; capacitar os participantes e enriquecer o artesanato local. O projeto encontra-se em andamento e os resultados alcançados são satisfatórios, já que o projeto piloto já está em fase de conclusão para reinício da ação em outra comunidade de Santa Maria – RS.

Palavras-chave

Design social, geração de renda, resgate cultural.

Introdução

A extensão universitária é um meio de agregar à formação acadêmica do aluno a experiência profissional e comunitária necessária à sua melhor qualificação e o atendimento das demandas sociais, contribuindo desta forma para o desenvolvimento regional. Essa prática é de suma importância para o estudante de design, que tem como uma de suas principais preocupações compreender as relações do homem com o meio em que vive e promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Com base nos Indicadores de desenvolvimento sustentável - Brasil 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no que tange as dimensões sociais, objetivos ligados a

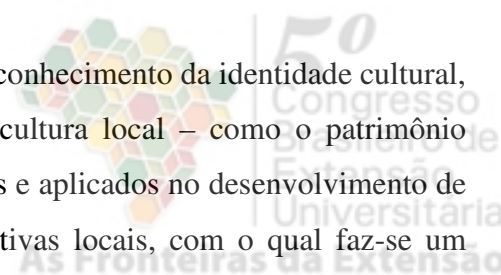
satisfação das necessidades humanas, melhoria da qualidade de vida e justiça social, as desigualdades sociais e a má distribuição de renda são os problemas mais graves enfrentados pelo país. Em 2008, o percentual de famílias com residência particular e rendimento *per capita* de ½ a 1 salário mínimo foi de 26,4% para apenas 5% de famílias com rendimento familiar acima de 5 salários mínimos. A comunidade participante da ação de extensão vive uma realidade semelhante à citada pois, mediante pesquisa aplicada, verificou-se que a maioria das famílias vivem com até um salário mínimo proveniente do Bolsa Família. Desta forma, é possível compreender a necessidade de novas perspectivas e de uma inovação social efetiva às famílias de baixa renda para que estes níveis percentuais e as discrepâncias sociais sejam minimizadas. Com o intuito de promover esta melhoria criou-se o projeto de extensão ‘Design Social: geração de renda e resgate cultural através do design associado ao artesanato’, que tem como objetivos promover a autonomia e o empreendedorismo através de oficinas de capacitação, bem como, o desenvolvimento de produtos que envolvam características da cultura local e a participação dos envolvidos em todo o processo, tanto de design como do desenvolvimento da ação.

Material e metodologia

A comunidade contatada para o desenvolvimento do projeto piloto denomina-se Vila Jardim, unidade residencial do bairro Camobi, na região leste da cidade de Santa Maria - RS. Entre os motivos de sua escolha, além da sua proximidade da Universidade Federal de Santa Maria, destacam-se também os problemas sociais enfrentados na localidade e a parceria com o Centro Comunitário Nossa Senhora do Calvário que disponibilizou o espaço, materiais e equipamentos. Inicialmente, os materiais utilizados provinham dos disponíveis no Centro Comunitário, como retalhos, linhas, botões e fitas.

A metodologia adotada para o presente projeto partiu do levantamento de formas de intervenções já elaboradas e testadas em comunidades em situação de risco no estado e no país. Com este levantamento foi possível diminuir a incidência de erros e atuar de forma mais efetiva na comunidade escolhida. Desta forma, optou-se por iniciar o projeto com uma reunião para explicar à comunidade os objetivos, o funcionamento e os direitos e obrigações de cada parte.

As fases subseqüentes definem-se como: de Reconhecimento da identidade cultural, onde características e elementos que representam a cultura local – como o patrimônio edificado da cidade de Santa Maria – fossem estudados e aplicados no desenvolvimento de produtos; de Reconhecimento das capacidades produtivas locais, com o qual faz-se um levantamento dos conhecimentos e aptidões dos envolvidos, bem como os materiais e



possibilidades de utilização dos recursos locais disponíveis; e por fim, as fases de Desenvolvimento de produtos e Oficinas de capacitação e empreendedorismo, realizadas ao longo dos encontros com a comunidade e onde se aplicam os estudos dirigidos.

Resultados e discussões

A fim de caracterizar a comunidade, reuniram-se alguns dados levantados junto às 14 moradoras que compareceram à primeira reunião, realizada em abril de 2010. Neste encontro, as moradoras foram questionadas quanto aos conhecimentos prévios com costura ou outro trabalho manual, a maioria afirmou nunca ter realizado nenhum trabalho deste tipo. Com base na dificuldade manifestada pelas moradoras em realizar um trabalho manual de grande complexidade, optou-se em trabalhar com técnicas de fácil aprendizagem, iniciando a produção com a criação de sachês (Figura 1). Com o objetivo de resgatar a cultura local proposta no projeto, e Santa Maria sendo região central do Estado com o slogan “Santa Maria, o coração do Rio Grande”, passou-se a produzir os sachês em forma de coração e foi adicionado o laço maragato (Figura 1), o que possibilitou uma maior versatilidade ao produto, podendo ser usado como chaveiro e móbile.



Figura 1 – Sachês (esq.) e exemplo de nó maragato (dir.).

Concluído os encontros do ano de 2010, os acadêmicos reuniram-se para avaliar as atividades e tentativas efetuadas, a fim de propor melhorias e novas abordagens com relação ao desenvolvimento de produtos e na comunicação com o público-alvo. Assim, optou-se por inicialmente desenvolver uma linha de produtos com a pretensão de captar mais participantes e, no decorrer dos encontros, passar a aperfeiçoar os mesmos de forma colaborativa. Adotou-se esta medida devido à dificuldade observada pelos acadêmicos nos momentos em que se solicitava que as moradoras se envolvessem com a criação e ao mesmo tempo com a aprendizagem da técnica. Dado o fato de não possuírem conhecimentos prévios, elas se sentiram incapazes e constrangidas de compartilhar com o grupo, o que pode ter sido um dos fatores da desistência ocorrida no ano anterior.

A linha de produtos criada para o ano de 2011 surgiu em parceria com outro projeto de extensão que visa a aplicação do patrimônio histórico edificado da cidade de Santa Maria em produtos para serem comercializados. Os produtos que representarão a Vila Belga serão produzidos artesanalmente pela comunidade trabalhada.

A Vila Belga é considerada o primeiro conjunto habitacional do Rio Grande do Sul e é Patrimônio Histórico Municipal e Estadual, juntamente com o Colégio Manuel Ribas (Maneco) e a GARE. Juntos formam o conjunto denominado a “Mancha Ferroviária”, tombada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE).

Quanto às técnicas manuais definidas para este novo produto, considerando a dificuldade das moradoras em atividades minuciosas, a estampa com carimbos feitos artesanalmente foi a melhor alternativa, pois além de serem facilmente confeccionados e de baixo custo, apresentam uma versatilidade interessante para posteriores modificações. Por enquanto, a linha é composta por bolsas e almofadas (Figura 2) e as estampas são trabalhadas diretamente sobre o tecido da bolsa ou sobre tecidos coloridos, que tem a pretensão de evidenciar as características da Vila Belga.



Figura 2 – Produtos desenvolvidos com a temática Vila Belga.

Com a linha definida, a comunidade foi novamente contatada para o reinício das atividades. Diferente do ano anterior, um cronograma foi apresentado com todas as atividades, oficinas de capacitação e empreendedorismo que serão ofertadas durante o período de realização do projeto. O intuito desta nova abordagem, com uma comunicação direta, é o de despertar o interesse e o comprometimento das moradoras com todo o processo da ação, possibilitando assim a continuidade e o alcance dos objetivos.

O projeto encontra-se em andamento e a expectativa é de que ao longo do processo haja o envolvimento das participantes e que as mesmas compartilhem o desejo de aprender e aplicar estes conhecimentos na melhoria da qualidade de vida. Além disso, estima-se que

a troca de experiências seja enriquecedora para todos os envolvidos e que o estudo do resgate cultural possa contribuir para uma valorização, sentimento de orgulho e pertencimento a uma identidade local.

Conclusão

O contato com a sociedade, possibilitado pela ação de extensão, trouxe inúmeros benefícios aos envolvidos. A experiência no contato direto com a sociedade superou questões abordadas em sala de aula, pois assuntos como mercado consumidor, processos de produção e trabalho em equipe puderam ser avaliados em condições reais. Através de uma ação de extensão, unindo-se princípios do design para inovação social, do design participativo como método para a convergência de ideias e da valorização da cultura local. Apesar da dificuldade na motivação e permanências das moradoras, foi possível perceber que ao tratar de elementos da cultura local no desenvolvimento dos produtos, houve uma maior participação e troca de ideias com as moradoras. Devido a isso, é possível constatar a importância da inserção de elementos e temáticas de culturas locais em ações de cunho semelhante ao projeto citado.

A valorização das culturas locais foi identificada como um diferencial competitivo nas iniciativas sociais, e encontra-se inserida no contexto do design. A utilização de estudo das culturas locais estão servindo de inspiração para o desenvolvimento de novos produtos, e é de suma importância que estas culturas, ou comunidades inseridas nas mesmas, façam parte deste processo a fim de que todos sejam beneficiados e contribuam para um resultado mais efetivo. Assim, concluiu-se que o design participativo pode ser utilizado como ferramenta na gestão de desenvolvimentos de novos produtos que tenham como objetivo retratar e valorizar a cultura de uma comunidade.

Havendo o envolvimento dos agentes locais, o crescimento e o desenvolvimento acontecem de forma mais clara, motivada e duradoura. O design pode e deve se beneficiar dessa aproximação, agregando conhecimentos e incorporando-os no desenvolvimento de produtos que estejam cada vez mais integrados ao meio. Desta forma, o profissional de design passa a ser um agente de transformação social, pois é capaz de modificar e melhorar o meio em que vive e a vida dos envolvidos.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores de Desenvolvimento Sustentável: Brasil 2010**. 2010. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/ids/ids2010.pdf>> Acesso em 20 jul. 2011.

**GESTÃO CULTURAL PARA A CONSTRUÇÃO DE
COMUNIDADES RESILIENTES, UM FOCO NOS
BAIRROS DO GUAMÁ E TERRA FIRME: A
MORADA DE ARTISTAS.**

Cultura

Aline Costa de Sena

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Heliana Baía Evelin Soria¹

Aline Costa de Sena²

Juliana Cordeiro Modesto³

Resumo

Trabalho com grupos artísticos nos bairros Guamá e Terra Firme, em Belém-Pará-Brasil, No geral cada grupo artístico é formado por integrantes de uma família e amigos o que resulta em informalidade, mas também como espaço gerador de resiliência. A partir da própria organização dos grupos desenvolvem-se ações que possam contribuir para uma consciência teórica nos grupos envolvidos e assegurar participação e criação de novos mecanismos de cooperação mútua. Os bairros Guamá e Terra Firme são considerados violentos e não aparecem na mídia pela riqueza de suas manifestações culturais. Para a identificação dos grupos fez-se articulação com instituições de cultura do estado e da cidade; visitas in loco aos endereços de referência dos grupos; reuniões semanais com as lideranças, mas abertas para outros membros e universitários; aplicação do questionário de

¹Assistente Social, Dr^a em Serviço Social, Prof^a Associada II na FASS/PPGSS/ICSA/UFPA. Coordenadora do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão “Luamim-peças interventivas na realidade”, aprovado pelo PROEXT MEC/MINC 2011. hbesoria@ufpa.br

² Acadêmica do 7º semestre de Serviço Social. FASS/ICSA/UFPA. Bolsista PROEG no Projeto Gestão Cultural para a Construção de Comunidades Resilientes. “Guamá e Terra Firme: a morada de artistas”, aprovado pelo ProExt Cultura 2008.

³ Acadêmica do 5º semestre de Serviço Social. FASS/ICSA/UFPA. Bolsista PROEG no Projeto Gestão Cultural para a Construção de Comunidades Resilientes: . “Guamá e Terra Firme: a morada de artistas”, aprovado pelo ProExt Cultura 2008.

escala de resiliência social às lideranças dos grupos; assembléia mensal com convocação para os membros dos grupos. Um dos resultados foi à organização do 1º Encontro de Artistas e Produtores Culturais do Guamá e Terra Firme.

Palavras-chave

Cultura; Trabalho de Grupo; Manifestações Artísticas.

Introdução

O projeto Gestão Cultural para a Construção de Comunidades Resilientes resulta de pesquisas sobre cultura como direito previsto constitucionalmente e da constatação da ausência do Estado na maioria dos municípios do País para atendimento ao direito à Cultura como Política Social. O projeto liderado pela professora Heliana Baia Evelin Soria, faz parte do “Programa Luamim”, criado pelo poeta e jornalista Paulo Martins em 1992. “A intenção é subsidiar a prática profissional mais qualificada na dimensão da ciência e consciência, contribuindo para que grupos excluídos possam ver atendidos os seus direitos constitucionais à cultura, uma vez que o acesso à arte e à cultura é um direito social. O projeto surgiu da possibilidade de criação de grupos de alunos interessados em estudar o serviço social no contexto das ciências da cultura através da monitoria, uma proposta que prioriza o processo de formação dos discentes a partir da relação ensino-pesquisa-extensão. Onde o aluno tem a possibilidade de estudar e debater a teoria apreendida em sala de aula por meio de um grupo de estudo e expandir seus conhecimentos através da experiência vivenciada no campo de atuação da pesquisa. Os principais objetivos do projeto são promover a capacitação de lideranças de grupos folclóricos dos Bairros do Guamá e Terra Firme para potencializarem a

sua ação nos referidos bairros, aprofundar os estudos sobre o termo resiliência partindo da constatação desta na forma como os grupos se organizam possuindo um caráter de proteção da violência que permeia os locais de convivência, intervir junto à mídia para divulgação da importância das atividades dos grupos de arte popular como diferencial à imagem de violência dos bairros Guamá e Terra Firme além de assegurar o processo de formação dos discentes a partir ações interdisciplinares objetivando integrar saberes.

Material e Metodologia

A partir da identificação dos líderes dos grupos, são organizados grupos de discussão para o levantamento das demandas de capacitação, a fim de se elaborar um planejamento para a realização de atividades específicas voltadas para essas demandas. A intenção é trazer à tona possibilidades de avanço para os grupos em suas ações nas comunidades em que estão inseridos. Uma das metas é mobilizar as lideranças e seus grupos para a organização de um evento que culmine no “2º Encontro de Artistas, Produtores Culturais e Lideranças Comunitárias dos Bairros Guamá e Terra Firme”, sujeitos que fazem arte popular nos bairros, destacando a importância da cultura e da arte como instrumento e mecanismo de transformação social, quer no plano individual, quer no coletivo.

Alem do mais houve a aplicação do questionário avaliativo do grau de resiliência com 13 (treze) representantes de grupos artísticos, no qual constatou-se que 77% possuem um grau máximo de resiliência e 23% um grau médio de resiliência. O questionário avaliativo do grau de resiliência foi elaborado pela ex-bolsista do Programa Luamim Priscila Sarques, a partir da escala de resiliência desenvolvida por Wagnild & Young e é um dos poucos instrumentos usados para medir níveis de

adaptação psicossocial positiva em face de eventos de vida.

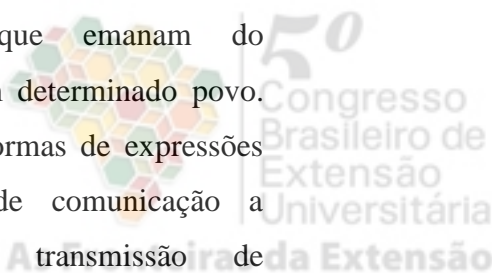
Resultados e Discussões

A inserção na comunidade evidenciou a importância do Serviço Social como parte do processo de construção e aquisição dos saberes, à medida que encontra seu lugar no amplo campo de trocas de experiências proporcionado pela organização comunitária na formação da própria história, da história dos grupos sociais e das coletividades. Constatou que, muitas vezes os movimentos necessitarão ter a sua explicação construída a partir de parâmetros ainda não definidos cientificamente.

A pesquisa-ação possibilitou sistematizar bibliografia referente ao assunto, produção de relatórios, estabelecer contatos com lideranças de bois-bumbás, grupos de hip-hop, cordões de pássaros, casas de terreiro de Umbanda e Candomblé, grupos de quadrilhas e grupo de danças regionais. A realização de reunião com líderes mapeados propiciou debates sobre temas referentes à realidade dos bairros, contemplando, dentre outros, cultura, arte e educação. Construiu-se uma relação com os grupos através de ciclos de reuniões nos bairros do Guamá e na Terra Firme para que se possa trazer novos rumos à trajetória que vem sendo cumprida do modo como ocorre em muitas outras comunidades esquecidas pelo poder público no país.

Conclusão

A cultura pode ser definida como um conjunto de hábitos, costumes, crenças, linguagens que emanam do pensamento e comportamento de um determinado povo. No Brasil observamos as variadas formas de expressões culturais que tem como canal de comunicação a participação da sociedade na transmissão de conhecimentos oriundos de outras gerações.



O fato da população mais pauperizada ser capaz de, muitas vezes, entregar as suas esperanças a representantes da burguesia não quer significar que não seja capaz de explicar suas posições e objetivos. Há de se estar atento para a organização que se dá para a realização de atividades de lazer, religiosidade, habitação, educação, tratamento de saúde, etc. A busca de participação em determinados grupos pode significar o momento único de se fazer ouvir e ser acreditado.

Admitir as potencialidades do ser humano em pensar sobre a sua vida e planejar o seu futuro é um exercício ético que exige do profissional a desconstrução de algumas crenças e conceitos, principalmente, a de considerar o indivíduo em situação de vulnerabilidade social como subalterno e excluído, homogeneizando a história, desconsiderando as diferenças.

Referências

Buarque, C. (2004) *A Questão Social do Século XXI*. Lisboa. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro:. Anais

Campelo, M. (2009) *Candomblé no Pará ainda é original*. Entrevista ao jornal Beira do Rio, nº 79, Belém, UFPA, janeiro.

Da Matta, r. (1979) *Carnavais, malandros e heróis – por uma Sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro:Zahar.

Morin, E. (2005) *Cência com Consciência*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.

Oliveira, H. (2008) *Relações Intergeracionais e Folclore Brasileiro: O boi-bumbá no bairro do Guamá em Belém do Pará*. Relatório de Pesquisa. PIBIC / CNPq. Belém,

Ribeiro, J. (2006) *Resiliência e Serviço Social na Ótica dos Direitos Humanos*. Belém. UFPA. Trabalho de Conclusão de Curso. Digitado.

GRAVURA EM OCO-RELEVO SOBRE POLIESTIRENO

CULTURA/EDUCAÇÃO

F. GÓMEZ ALVAREZ

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

(1) F. Gómez Alvarez; (2) T. Arruda

Resumo

A pesquisa com plásticos é a pesquisa desenvolvida por um bolsista da PROEX no Grupo de Estudos Laboratório de Gravura no marco do Projeto de Formação Continuada em Artes do Departamento de Artes Visuais/Centro de Artes/UFES. A proposta inicial era pesquisar cada um dos sete tipos de plásticos estudados por Clímaco Teatini na sua obra *A gravura em plástico*. Foram estudados, de forma intensiva, três tipos de plásticos: acrílico, PVC e, principalmente, o poliestireno. Durante a pesquisa foi levado um diário de bordo, no qual foram anotados os desdobramentos práticos da comprovação, no ateliê, dos resultados da obra acima mencionada. Várias descobertas sobre os materiais utilizados acabaram enriquecendo a nossa pesquisa uma vez um dos objetivos do grupo de estudos é o de experimentar com as mais diversas ferramentas em conjunto com as tradicionais inerentes ao *metier* de gravador, visando ampliar o leque de possibilidades expressivas das mesmas. Por outro lado, a finalidade dos participantes do laboratório de gravura em geral, e do bolsista em particular, é desenvolver poéticas pessoais por intermédio da gravura enquanto meio expressivo. Para tanto, a busca de aperfeiçoamentos quer seja com materiais alternativos ou com de uma determinada técnica resulta uma constante.

Palavras-chave

Gravura – poliestireno – poética pessoal

Introdução

A pesquisa com plásticos é a pesquisa desenvolvida pelo bolsista da PROEX, Thiago Arruda, no Grupo de Estudos Laboratório de Gravura por mim coordenado no marco do Projeto de Formação Continuada em Artes do Departamento de Artes Visuais/Centro de Artes/UFES. A pesquisa é realizada na sala 05 do CEMUNI II, sede do DAV/CAR/UFES. Deu-se início à pesquisa em 2010/II com a proposta inicial de pesquisar cada um dos sete tipos de plásticos estudados por Clímaco Teatini na sua obra¹. Nesse período foram pesquisados, de forma intensiva, três tipos de plásticos: acrílico, PVC e poliestireno de acordo com a tabela desenvolvida por Teatini² para definir quais técnicas de gravura são mais apropriadas em dependência de qual o tipo de

¹ Clímaco Teatini, J. S. *A gravura em plástico*. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

² Clímaco Teatini. Op. Cit., p. 67.

plástico utilizado como matriz. A época, o bolsista trasladava à calcogravura uma poética pessoal previamente desenvolvida em xilogravura. No decorrer de 2011/I, a pesquisa foi-se afinando apenas com o poliestireno em decorrência do custo relativamente baixo do mesmo. Durante a pesquisa foi levado um diário de bordo, no qual foram anotados os desdobramentos práticos da comprovação, no ateliê, dos resultados da obra acima mencionada. Nas experiências iniciais, o pirógrafo resultou a ferramenta mais utilizada, porém, após a gravação da chapa resulta indispensável suavizar as rebarbas com o raspador para evitar efeitos de falsa mordida.

Material e Metodologia

O material objeto de estudo neste trabalho a chapa de poliestireno de dois milímetros de espessura. Trabalhou-se nele com todo tipo de ferramentas (pirógrafo, buril, roletes, Berceaux, solventes, etc.). A pesquisa foi estruturada sobre a tabela de referência elaborada por Clímaco Teatini³. Resulta importante balizar que a referida tabela foi estruturada sobre quais os tipos de entalhe, os tipos de ferramentas usados, o emprego de altas temperaturas e inclusive a queima, e o uso de solventes e colas. À referida tabela lhe foram acrescentadas outras linhas, referentes ao emprego da cola de contato, da soda cáustica, da forma de aplicar o carborundum e a utilização da ferramenta ponta de diamante. Nesse sentido, o bolsista levou um diário de bordo, com um fichário de anotações, para acompanhar o processo empírico de cada teste realizado no laboratório que, com posterioridade era avaliado com o orientador. Gostaríamos de salientar que a pesquisa encontra-se em andamento e que ainda faltam outros autores a serem contrastados com os resultados obtidos da presente análise. Dentre os trabalhos a serem estudados encontram-se dissertações de mestrado sobre o trabalho com polímeros, dentre as quais podemos citar: *Gravura sobre policarbonatos: Uma experiência contemporânea*⁴, e *Processos da gravura em metal*⁵.

Uma das descobertas da pesquisa foi o emprego do adesivo plástico para PVC incolor como cola para fixar o pó de carborundum na chapa de poliestireno. Para misturá-lo se coloca o adesivo – que se apresenta em estado fluído – em um recipiente de vidro ou cerâmica e despeja-se nele o pó de carborundum a ser usado. Mistura-se bem até obter uma pasta uniforme que se aplica sobre a matriz. Se deixa descansar por uns cinco minutos, após o qual, terá endurecido. A seguir pode ser lixada caso existam áreas com o relevo muito acentuado. A mistura não se solta da chapa e os tons obtidos são bem definidos.

Por outro lado, percebeu-se que ao adicionarmos solvente à chapa, a mesma torna-se quebradiça, e que durante a impressão há uma grande probabilidade de que se parta ou de que surjam rachaduras. Tentou-se solucionar o problema colando a chapa sobre um papel Paraná das mesmas dimensões, com cola de sapateiro. A chapa ganhou durabilidade, pois mesmo rachada era possível imprimir-la, mas também ganhou altura,

³ Clímaco Teatini, J. S. *A gravura em plástico*. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

⁴ Santos, M. S. *Gravura sobre policarbonatos: Uma experiência contemporânea*. SP: UNESP, 2006.

⁵ Jardins, E. C. *Processos da gravura em metal*. SP: USP, 1980.

e ainda foi preciso impermeabilizá-la pela sua parte inferior. A seguir, o papel Paraná foi substituído pelo papel contato, com resultados muito eficientes uma vez que foram solucionadas as desvantagens da tentativa anterior. Recomenda-se que ao entintar a chapa seja empregada fita dupla face para fixá-la à mesa o que facilita o manuseio durante a limpeza.

Após um período de impressões em preto e branco, a pesquisa foi ampliada ao uso da cor. No momento, as chapas de poliestireno reforçadas com papel contato estão sendo utilizadas na obtenção de quatricrômias de pequeno formato, desenhadas a partir de um original fotográfico. A imagem digitalizada é separada em cores segundo a escala CMYK e salva em tons de cinza. A seguir, decalam-se as fotografias no poliestireno de forma a manter a tonalidade, com todo tipo de ferramentas. Resultante desta fase da pesquisa é o fato de termos que desenvolver tintas coloridas para calcogravura a partir de tinta off set recondicionada. Ora, por enquanto

Resultados e discussões

Durante a pesquisa, tanto técnicas e ferramentas, quanto sugestões e resultados da obra de Teatini foram readequados a partir dos testes efetuados no ateliê de gravura, originando vários acréscimos à tabela de referência. Dentre os resultados parciais obtidos até o presente momento, destacam-se: 1) O uso da ponta de diamante à maneira do grafite de uma lapiseira. Tal a quantidade e diversidade de hachuras e tonalidades que possibilita sobre uma chapa de poliestireno. 2) A substituição da cola PVA sugerida pelo autor como aglutinante ou cola para fixar o pó de carborundum, para se obter o efeito de água-tintas, uma vez que tanto na colagem quanto na entintagem da chapa, e inclusive, na impressão, o carborundum acaba se soltando da matriz. A cola PVA foi substituída por um adesivo plástico para PVC incolor da marca Tigre (cola para conexões de tubulações em PVC) com excelentes resultados. 3) O emprego de cola de contato na obtenção de tonalidades ao acrescentar-lhe solventes. 4) A necessidade de fixar a chapa de poliestireno sobre uma superfície que lhe confira rigidez e evite a quebra da mesma, no caso o papel contato.

Conclusão

Os resultados parciais obtidos até o momento apresentam-se, a nosso ver, como conclusões provisórias, uma vez que a pesquisa está em andamento.

Referências

Adam, R. & Robertson, C. *Intaglio. The complete safety-first system for creative printmaking*. NY: Thames & Hudson, 2007

Clímaco Teatini, J. S. *A gravura em plástico*. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

Jardins, E. C. *Processos da gravura em metal*. SP: USP, 1980.

Santos, M. S. *Gravura sobre policarbonatos: Uma experiência contemporânea*. SP: UNESP, 2006.





PROJETO DE EXTENSÃO ECOSOL: DESIGN PARA ESTIMULAR A PRODUÇÃO ARTESANAL E FOMENTAR A ECONOMIA SOLIDÁRIA DE JOINVILLE/SC

Cultura

Rita Inês Petrykowski Peixe¹

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)

Juliana Silveira Anselmo²; Ivan Luiz de Medeiros³; Alena Rizzi Marmo⁴; Karla Pfeiffer⁵;

Fernanda Pozza da Costa⁶; Juliana Floriano⁷; Carolina Gurske⁸

Resumo

A qualificação e a valorização da produção artesanal por meio da utilização de conceitos e práticas oriundas da área do design é um caminho para a profissionalização do artesanato e do resgate da identidade local de muitas comunidades. Neste sentido, o Projeto de Extensão Ecosol proposto na Univille pauta suas atividades na mediação de conhecimentos oriundos do campo do design aos empreendimentos do Fórum de Economia Solidária de Joinville e Norte Catarinense para o aperfeiçoamento dos atuais produtos, gerando alternativas e novas possibilidades e discutindo com os participantes os resultados alcançados. Verificou-se que, em dois anos de atividades, o Ecosol promoveu efeitos significativos na qualidade percebida do artesanato, mas também na forma de pensar dos empreendedores participantes do projeto.

Palavras-chave: design, artesanato joinvillense, economia solidária

Introdução

O designer tem um papel importante na sociedade atual, pois redescobre e aponta caminhos para o artesanato, buscando não interferir na sua expressão original e possibilitando apresentar os produtos adequados ao mercado. O grande desafio existente deste profissional é identificar o diferencial, as necessidades e as características e dar suporte na criação de produtos capazes de atingir o público alvo (FRANÇA, 2005).

Segundo Gonçalves *et al.* (2010) a produção do artesanato deve estar orientada por uma expectativa do mercado, mantendo evidentes os aspectos que o tornam um produto único e singular. E para isto metodologias flexíveis de design são importantes na aplicação junto a essas organizações artesanais.

A busca por agregar valor à produção fortalecendo e estimulando a identidade local é um forte impulsionador dos investimentos em design. Ainda, aliar artesanato e design é

¹ Doutoranda; ritapeixe@hotmail.com

² Mestre; js.anselmo@gmail.com

³ Mestre; ivan.medeiros@univille.net

⁴ Mestre; lemarmo@gmail.com

⁵ Mestre; karlapfeiffer@gmail.com

⁶ Mestranda; fepozza@gmail.com

⁷ Mestranda; juliana_designergrafico@yahoo.com.br

⁸ Graduanda; carolinagurske@hotmail.com



uma maneira de estabelecer diálogo com o mercado consumidor, além de unir tradição e contemporaneidade (KRUCKEN, 2009; SEBRAE, 2008).

Pode-se afirmar que são cada vez mais comuns as parcerias entre artesãos, designers e instituições de apoio que tem como objetivo primordial colaborar na criação de produtos artesanais que valorizem a identidade local. Muitas vezes, a produção artesanal de uma região é apoiada por Fóruns de Economia Solidária, como é o caso de Joinville, situada ao Norte do Estado de Santa Catarina. Devido ao fortalecimento de seu Fórum, a Economia Solidária de Joinville vem ganhando expressão na comunidade e em toda região norte catarinense. Atualmente, é constituída por cerca de 230 pessoas (90% dos participantes são mulheres), sendo que destes, 15 empreendimentos são individuais, 15 são constituídos por grupos de duas ou mais pessoas em cada um, além de instituições do poder público e privado que auxiliam o fomento das ações, como a OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) Instituto Consulado da Mulher, a Secretaria Municipal de Assistência Social de Joinville/SC, o Instituto Fome Zero, a Fundação Municipal de Desenvolvimento Rural 25 de Julho, entre outros. Fica perceptível que há um interesse comum e um envolvimento significativo por parte dessas instituições.

Somente nos dois últimos anos, o Fórum angariou formas consideráveis de participação em importantes eventos da região que promoveram a divulgação e venda de produtos e, por consequência, a Geração de Trabalho e Renda para seus produtores, tais como: 1º Feira de Produtos Artesanais e Agroecológicos da Economia Solidária Norte Catarinense; 1º Feira Internacional de Artesanato Mãos da Terra; Feira da Sapatilha do Festival de Dança de Joinville; IV Feira Nacional da Agricultura Familiar e Reforma Agrária.

A maior parte da produção dos grupos que hoje constituem a Economia Solidária de Joinville e Norte Catarinense é composto por peças artesanais como bonecas de pano, bijuterias, biscoitos e pães, bolsas, aventais, entre outros. Porém, conforme parecer das instituições apoiadoras do Fórum, são produtos cuja qualidade de acabamento, estética e conceituação apresentam deficiências, ou seja, são confeccionados com técnicas muito rudimentares e sem atenção ao mercado consumidor ou ao meio ambiente.

Portanto, conforme a demanda suscitada pelo Fórum de Economia Solidária, desenvolveu-se em 2010 e 2011 (atualmente em andamento) o **Projeto de Extensão Ecosol** alocado na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE e apoiado pelo Instituto Consulado da Mulher e pela Fundação Municipal de Desenvolvimento Rural 25 de Julho onde, por meio de práticas conceituais e ferramentas projetuais do design, professores do Departamento de Design da Instituição fomentam e mediam junto aos participantes do referido Fórum, subsídios para a melhoria da qualidade e valorização da produção artesanal da região. O panorama com algumas das atividades realizadas em dois anos de atuação será apresentado na sequência.

Projeto de Extensão Ecosol: Primeira fase em 2010

Exercitar o potencial criativo de homens e mulheres para a valorização da produção artesanal de Joinville e região foi o mote inicial do projeto. Para que isso se objetive foi lançado mão de algumas práticas conceituais e ferramentas projetuais da área do design, sendo oferecido a 40 pessoas entre empreendedores do Fórum de Economia Solidária de Joinville e monitoras dos grupos do Programa de Desenvolvimento da Mulher Rural da Fundação 25 de Julho.

A equipe executora do projeto procurou habilitar e estimular o desenvolvimento da autonomia dos participantes com vistas a produtos com maior qualidade. Em 17 encontros semanais totalizando 60 horas de capacitação, os conteúdos abordados foram: Psicologia

da Forma, Cores, Estética, Criatividade, Desenho, Pintura, Fotografia, Identidade Visual (marca e embalagem), Metodologia de Projeto e Fazeres Especiais. Como complementação das atividades, além daquelas previstas no cronograma do projeto, ministrou-se, ainda, uma oficina de Informática Básica, duas de Serigrafia e uma oficina de Esqueletização de Folhas realizada por uma aluna de PIBIC que desenvolveu suas investigações sobre o assunto (SANTANA e ANSELMO, 2010).

No sentido de aperfeiçoar e potencializar a atual produção comercializada pelos empreendimentos, a primeira ação tratou de um levantamento do estado preliminar destes com fotografias realizadas no primeiro dia de atividades. Assim, foi possível buscar uma orientação para o seu aperfeiçoamento, gerando alternativas de novas possibilidades e discutindo com os participantes os resultados alcançados.

Outra abordagem da equipe do projeto foi a verificação da adequação e aceitação dos produtos pelo público consumidor a partir das inserções propostas pelas oficinas, por meio do acompanhamento dos empreendimentos nas feiras e exposições. Houve, ainda, a ampliação das possibilidades de articulação e divulgação dos produtos na comunidade de Joinville com a construção de um *blog* (<http://projetoecosol.wordpress.com>) do projeto e a criação de uma marca para o Programa de Desenvolvimento da Mulher Rural da Fundação 25 de Julho, a ser utilizada nos produtos vendidos na área de turismo rural de Joinville.

Ao final das capacitações foi entregue aos participantes como material didático, uma mídia contendo os conteúdos ministrados e algumas imagens realizadas durante o ano. Os participantes receberam ainda um certificado comprovando a conclusão de 60 horas de capacitação.

Outra frente em que o Projeto atuou foi na integração do Ensino com a Extensão, onde alunos do 2º ano da Habilitação em Programação Visual do Curso de Design desenvolveram um Trabalho de Design Social com alguns empreendimentos participantes do Ecosol. Quatro grupos criaram identidade visual (marca, etiqueta, entre outros), capa para *notebook* e embalagem para quatro empreendimentos que potencializaram a relação produtor X consumidor e assim foi possível exercitar o conteúdo aprendido em sala de aula em uma atividade prática de design.

Com o intuito de levantar informações sobre o perfil dos participantes do Ecosol em 2010, bem como a satisfação do público quanto ao Projeto, aplicou-se um questionário que apontou algumas questões, das quais se destacam:

Ramo de atividade: principalmente: bordado, pintura em madeira, costura, crochê e tricô.

Aspectos em que as participantes acreditam que o produto possa ser melhorado: visual, acabamento, criação e planejamento, diminuição do tempo de produção, embalagens, etiquetas, técnica de produção, entre outros.

Dificuldades mais comuns enfrentadas: comercialização do produto, criação de mostruário, padronização de produto e etiqueta, desenho, combinação de materiais, modelos diversos, entre outros.

Marca: 50 % dos grupos já possuem marca e os demais dispõem de nome, mas não a marca.

Em que o design pode ajudar o empreendimento (aqui são citadas as falas de alguns dos participantes): *“Na forma de mostrar e combinar as cores”*; *“Para podermos expor e comercializar melhor os produtos, no caso de feiras e eventos”*; *“No acabamento, formas, cores e desenvolvimento”*; *“Melhorar o visual das minhas peças”*; *“Ajudará no sentido de observar a forma e cores e criar novas alternativas, novos produtos”*; *“Ter mais segurança nas proporções certas, na estética, diminuir custos”*; *Fotografar e etiquetar os produtos*; *“Para agregar valor ao produto, afinal um produto com melhor design é mais reconhecido e valorizado pelo público”*; *“Em primeiro lugar, voltar para a sala de aula*

foi muito bom. E a experiência com os profissionais da área de design está sendo muito legal.”; “Esclareceu alguns pontos que eu não entendia, porque eu gostava ou não gostava das coisas. Como atrair o olhar para o produto, identificando o nosso cliente.”; “Sim, mudou minha maneira de fazer o meu produto, que se baseava quase que unicamente em copiar idéias; hoje já penso diferente, penso que sou capaz de criar, pesquisar e fazer com mais segurança meus produtos.”

Escreva com suas palavras se o projeto Ecosol contribuiu para a sua vida ou mudou a sua maneira de pensar: *“Aprendi a planejar melhor antes de executar qualquer trabalho, pois só assim teremos melhor qualidade no produto final”; “O projeto me mostrou que posso ser mais criativa e que não tem limites para o bom gosto”; “Mudou, com certeza. Todos os professores contribuíram para isso. Além da sensação de estar dentro da universidade, que é um ambiente fabuloso. As instalações que visitamos são muito legais. Gostaria que tivesse mais aulas como formas de exposição dos produtos”; “Muito, me ajudou a trabalhar com as cores, formas, e com a fotografia”.*

Com base nestas respostas, foi possível planejar as atividades para o ano de 2011.

Projeto de Extensão Ecosol: Segunda fase em 2011

Apesar de as ações realizadas no primeiro ano de atuação do Ecosol terem sido de grande valia para as empreendedoras e instrutoras, o tempo destinado não foi suficiente para trabalhar com afinco e profundidade os conceitos de design e propor novos tipos/possibilidades de produtos. Assim, para a segunda fase do Projeto, foi proposto como objetivo principal continuar os processos mediadores de práticas conceituais e ferramentas projetuais do design aos constituintes do referido Fórum para o aprimoramento e promoção dos produtos artesanais. Contando com o apoio dos parceiros de 2010, o projeto foi renovado pela Pró-Reitoria de Extensão da UNIVILLE em mais um ano.

Para aprofundar os conceitos de design trabalhados com os empreendedores e instrutoras no primeiro ano de atuação do Projeto, o número de horas de capacitação foi ampliado. As 40 vagas foram abertas tanto para aqueles que já participaram em 2010 como para outros empreendedores que poderiam ter interesse.

Nos encontros de 2011 estão sendo ministradas as seguintes disciplinas: Categorias de Artesanato; Fotografia; Exposição de Produtos/Vitrinismo; História da Arte (Clássica, Moderna e Contemporânea); Composição Visual; Projeto de Produto; Cultura Visual; Estética; Fazeres Especiais: materiais expressivos e processos construtivos; Seminário.

Neste momento, o projeto encontra-se em andamento e propondo atividades que continuam buscando estimular o desenvolvimento de novas possibilidades de produtos artesanais, por meio da identificação de nichos de mercado junto aos empreendedores, otimizando e gerando alternativas de novos produtos.

O propósito nessa etapa será o desenvolvimento da identidade visual (marca, etiqueta, cartão de visita) de todos os empreendimentos do Fórum de Economia Solidária de Joinville que ainda não o possuem. Para tanto, os discentes do 2º ano do Curso de Design devem atuar neste âmbito durante as atividades da disciplina de Projeto de Programação Visual.

A divulgação do Ecosol continua sendo realizada pelo *blog* e, em breve, pela marca que está sendo desenvolvida pela estagiária do Projeto. Outra frente proposta para a divulgação dos saberes adquiridos nas oficinas semanais prevê a realização de três Seminários anuais. Destaca-se aqui o módulo Seminário, pois se trata de um evento a ser realizado no final de cada trimestre (uma tarde), onde os participantes irão socializar para a comunidade, os convidados e outros empreendimentos e parceiros, o conteúdo apreendido

durante o trimestre. Estes momentos serão realizados em um anfiteatro da UNIVILLE, com espaço para exposição e venda de produtos, bem como discussão com todos os presentes sobre questões relacionadas à qualidade artesanal de Joinville, Economia Solidária, comercialização de produtos e as possibilidades de intervenção do design na melhoria dos produtos, buscando não interferir em suas raízes. Pretende-se estender o convite a empresas como a Epagri de Jaraguá do Sul/SC que trabalha com inúmeros produtores artesanais que utilizam a fibra de bananeira em peças simples, mas que procuram conhecimento para um novo olhar, além dos produtores dos Programas da FMDR 25 de Julho.

Considerações Finais

A partir dessa breve exposição é possível entender que dentre os benefícios gerados para a comunidade em projetos dessa natureza, podem ser incluídos o conhecimento técnico e estético para o desenvolvimento de produtos artesanais; autonomia para criação de novos produtos; capacidade de expressão artística e técnica; melhoria da qualidade de vida e do bem-estar social; valorização dos saberes artesanais; geração de trabalho e renda. Portanto, os empreendedores e instrutoras puderam vivenciar conceitos e experiências relativas à área do design, sanar suas dúvidas quanto ao uso de cores, formas, materiais, estilo dos produtos confeccionados, mas, principalmente, foram instigados a repensar o seu produto, ou seja, a forma como era feito, assim como o público que atingiam e que gostariam de atingir.

Entre os membros da comunidade beneficiados pelo Projeto de Extensão Ecosol estão os integrantes do Fórum de Economia Solidária de Joinville e Norte Catarinense, ou seja, os empreendimentos de vários bairros de Joinville e até mesmo de cidades vizinhas, além das monitoras da Fundação 25 de Julho. Em sua grande maioria, esse público é constituído de mulheres artesãs, de várias faixas etárias, baixa escolaridade e apoiadas pelo Instituto Consulado da Mulher ou pela Fundação 25 de Julho.

Por fim, a equipe está trabalhando na possibilidade de ampliação e expansão do Projeto de Extensão Ecosol no âmbito estadual para, assim, atender outras cidades no Estado de Santa Catarina.

Referências

- ANSELMO, Juliana Silveira, *et al.* O design na produção artesanal: uma aplicação na extensão universitária. In: 4º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2009. **Anais...** Dourados: 2009. p. 01 -12.
- FRANÇA, Rosa Alice. Design e Artesanato: uma proposta social. **Revista Design em Foco**, Salvador, v. 2, n. 002, p. 9-15, jul.- dez. 2005.
- GONÇALVES, Raruza Keara Teixeira *et al.* **A interface entre o design e a comunicação na estruturação mercadológica das organizações artesanais.** In: XV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2010, Anais... Vitória: 2010. p. 01 - 15.
- KRUCKEN, Lia (2009). **Design e território: valorização de identidades e produtos locais.** São Paulo: Studio Nobel.
- SANTANA, Elisa Mayer de; ANSELMO, Juliana Silveira. Estudo de técnica de esqueletização de folhas para aplicação em produtos artesanais. In: 1º Congresso de Iniciação Científica e Pós-Graduação do Sul do Brasil, 2010, **Anais...** Florianópolis: 2010.
- SEBRAE (2008). **Artesanato: um negócio genuinamente brasileiro.** Edição comemorativa. v.1, n.1, mar. 2008.

PROJETO NASSAL – NÚCLEO DE ARTES E SAÚDE SALTIMBANCOS

Autores: CARDOSO, P.G.T.A.; BARBOSA, T.G.; CARLOCICH FILHO, J.; SAWAYA, A.L.

Área temática: Cultura. **Responsável pelo trabalho:** CARDOSO, P.G.T.A.

Instituição: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Resumo

O Núcleo de Artes e Saúde Saltimbancos (NASSal) tem como proposta trazer a cultura humanista para a formação acadêmica na área da saúde, entendendo que as artes e as humanidades possibilitam a genuína experiência universitária, a integração dos diversos campos do conhecimento científico e a humanização dos centros de saúde. O projeto atua abrindo espaços para o contato com as artes e as humanidades dentro do Campus Vila Clementino da UNIFESP – através da abertura de cursos gratuitos destinados a toda a comunidade, da realização de eventos culturais e das publicações do blog do Projeto. A avaliação dos resultados foi feita com base nos trabalhos escritos pelos participantes dos cursos ao final de cada semestre e nas estatísticas de visitação do blog. São relatados pelos participantes: a possibilidade de entrar em contato com pessoas de setores diferentes da comunidade; a oportunidade de haver um espaço para discussão livre sobre temas humanistas; a oportunidade de conhecer obras de grandes artistas e pensadores. O blog foi acessado 5.013 vezes desde que foi criado, em Agosto de 2010, com uma média crescente de visitas por dia. Um dos participantes teve um artigo publicado em revista de grande circulação. Está em elaboração um capítulo de livro de pesquisadora renomada da Universidade tratando especificamente da experiência proporcionada pelo Projeto. Conclui-se que a proposta inicial de formar profissionais com maior cultura humanista foi alcançada e que a iniciativa da criação de espaços para discussão e leitura de obras de caráter humanista foi bem aceita pela comunidade UNIFESP.

Palavras-chave: formação humanista, humanização, ensino universitário.

Introdução

O filósofo José Ortega y Gasset, em 1930, já apontava para um dos grandes problemas da Universidade moderna: a perda da função de transmitir a cultura. O autor assim justifica a crescente angústia ocidental e o “desmoronamento” da Europa de sua época – lembrando os regimes totalitaristas de esquerda e direita, as grandes guerras, o extermínio Judeu, etc. Assim, sobre o profissional que o modelo corrente de universidade produz, ele escreve:

“É certo, porém, que todas as demais atividades de sua vida ou tudo quanto nas respectivas profissões transcenda o estrito ofício, não de tornar-se deploráveis. Suas idéias e atos políticos serão ineptos; seus amores, a começar pelo tipo de mulher que preferir, serão extemporâneos e ridículos; dará à sua vida familiar um ambiente inatural, obsessivo e miserável, que envenenará para sempre seus filhos, e na tertúlia do café exteriorizará pensamentos monstruosos e uma grosseira sem fim.”

O médico sanitarrista e literato Moacyr Scliar avalia a situação do ponto de vista da relação entre a medicina e as artes, antes intimamente unidas, e que, com o avanço da modernidade, se separam cada vez mais:

“(...) na Europa do século passado, os médicos recebiam uma educação ampla, liam textos literários, eram músicos e pintores amadores. Na Inglaterra vitoriana não era raro que os doutores fossem prolíficos escritores de ensaios, de biografias, de ficção. A situação mudou por várias razões: em primeiro lugar, o médico perdeu a posição aristocrática que muitas vezes o caracterizava no passado. Depois, a medicina foi adquirindo um caráter cada vez mais técnico, pouco compatível com a expressão humanista.”

O maior prejuízo dessa mudança está na relação médico-paciente, que, em meio a um avanço tecnológico cada vez mais veloz, se torna cada vez mais fria, e o doente cada vez menos acolhido.

O periódico Lancet dedicou uma série de artigos sobre educação médica e seu futuro, constatando que – nas palavras publicadas pelo jornal Folha de São Paulo de 10/3/2011 – “o atual modelo de formação, que consome anualmente US\$ 100 bilhões em todo o mundo, não funciona mais.”

Jean-Philippe Assal, em Curare e Guarire [Curar e Cuidar], traz uma visão complementar a esse problema, ao analisar o que seria o chamado “olho clínico”:

“o olho clínico é este olhar do médico que vai além da realidade do corpo e penetra na experiência vivida pelo paciente. Este ‘olho clínico’ tem a mesma importância do olho artístico, aquele olhar do pintor que decodifica a realidade e o permite ver além da realidade formal. A arte médica, como a arte criativa do artista, são dois mecanismos paralelos que mobilizam inteiramente o indivíduo. O artista trabalha nos confins do indizível para revelar aquelas mensagens que as palavras ou a escrita exprimem mal ou de forma inadequada. O cuidado médico pode tornar-se arte quando o médico colhe e troca com o seu doente aquilo que se exprime com dificuldade, aquilo que sai das normas, aquilo que foge da lógica médica, mas que pertence à experiência e à intuição do doente. Para chegar a isso o cuidador deverá ir além do seu pensamento operativo e entrar no espaço aparentemente pouco preciso do paciente, que é rico de mensagens indizíveis. É ajudando o paciente a exprimir esta riqueza daquele vivido indizível que o médico alcança a arte dos artistas na sua arte de cuidar.”

É também o que o cirurgião cardíaco Adib Jatene quer dizer ao afirmar:

“a profissão médica é ligada não apenas ao saber científico da doença e dos tratamentos, mas também ao conhecimento da pessoa humana, das suas fraquezas e dificuldades. O médico precisa ser especialista em gente, compreender como as pessoas são diferentes e o quanto a sua atenção a elas é fundamental num tratamento. Um indivíduo mais limitado intelectualmente tem muito mais dificuldades em lidar com determinados assuntos do que outros que puderam estudar mais. O médico precisa aprender a lidar com essas diferenças. Toda pessoa quando adoecer fica vulnerável, frágil, com medo, tanto quanto sua família, e todos precisam ter fé naquele profissional a quem ela se entregou e, antes de tudo, naquela pessoa humana que o está tratando.”

Assim, é necessário que o médico, além de uma sólida base científica, tenha também uma sólida base humanista, para exercer de modo correto sua profissão.

Por essas e outras questões, juntou-se um grupo de inquietos estudantes da área da saúde (medicina, enfermagem e fonoaudiologia), para criar o Núcleo de Artes e Saúde Saltimbancos ou Projeto NASSal. Vinculado à Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Paulo, o Nassal ocupa-se em possibilitar e propagar espaços de formação artística e cultural, com intuito de restabelecer a formação humanista e a verdadeira “Missão da Universidade”, qual seja a “transmissão da Cultura” (Ortega y Gasset) ou a “ampliação da esfera de presença do Ser” (Janine Ribeiro).

Material e Metodologia

Foram oferecidos cursos semestrais e anuais, com encontros semanais, carga horária presencial e não presencial. A equipe do projeto Nassal ficou responsável por acompanhar o andamento de cada curso, disponibilizando, no mínimo, um integrante para coordenar cada curso. A frequência dos alunos foi avaliada por listas de chamadas e atas, realizadas a cada encontro. A avaliação, para emissão de certificados, foi realizada mediante a presença superior a 75% da carga horária e a apresentação de um trabalho em formato escrito e discursivo, onde o aluno relata qual o impacto emotivo, pessoal e profissional do curso realizado. Esses trabalhos serão usados, no futuro, para embasar novas ações.

O **Curso de História da Filosofia** é baseado na coleção de História da Filosofia de Dario Antiseri e Giovanni Reale (Ed. Paulus, 2003), que contém sete volumes. Em 2011 nos ocupamos do Volume 1, Filosofia Pagã Antiga. Os temas de cada encontro são estudados de acordo com a ordem do livro, sendo que a cada novo tema um dos participantes é responsável por apresentá-lo ao grupo. Após essa apresentação segue-se o debate das principais questões levantadas. A primeira unidade do curso, que é o estudo da Filosofia Pagã Antiga (volume 1 da coleção de Reale e Antiseri), foi dividida em dois semestres, sendo os temas do primeiro semestre os seguintes (ordenados segundo a ordem dos capítulos do livro de Antiseri e Reale):

- Gênese, natureza e desenvolvimento da filosofia antiga
- Os “Naturalistas” ou filósofos da “physis”
- A Sofística e o deslocamento do eixo da pesquisa filosófica do cosmo para o homem
- Sócrates e os Socráticos menores
- O nascimento da medicina como saber científico autônomo
- Platão e a Academia antiga

Influenciado pelo Laboratório de Humanidades – ciclo de reuniões coordenado pelo prof. Dante Gallian no Campus Vila Clementino da Unifesp, com intuito de discutir clássicos da literatura universal – o **Curso de História do Cinema** propõe a discussão/reflexão de questões essencialmente humanas através das grandes obras do cinema universal, com reuniões semanais de aproximadamente 1 hora. As histórias possibilitadas por grandes obras dão fundamento a discussões essencialmente livres, não fundamentalmente de crítica e estética, mas baseadas na percepção individual de cada participante: uma mesma história nos afeta de infinitas maneiras, e o compartilhar desses afetos é que nutrem as discussões/reflexões. Além disso, foi disponibilizada uma vasta bibliografia, organizada pelo Prof. Fabio Camarinho, professor da Academia Internacional de Cinema de São Paulo, com o intuito de auxiliar na compreensão e na leitura da linguagem cinematográfica. A primeira unidade do Curso teve como tema o Cinema de

Autor. No primeiro semestre foram estudados os diretores Ingmar Bergman e Akira Kurosawa, sendo que a filmografia exigida continha os seguintes filmes: *O Sétimo Selo*, *Morangos Silvestres*, *Persona*, *Fanny e Alexander* e *Sonata de Outono*, de Ingmar Bergman, e *Cão Danado*, *Duelo Silencioso*, *O Barba Ruiva*, *Dersu Uzala* e *Viver*, de Akira Kurosawa.

O **Curso de Teatro com Ênfase na Linguagem do Clown** é uma oficina de desenvolvimento pessoal de ação cultural através do Teatro Clown e Teatro do Oprimido de Boal. Seu objetivo é difundir a arte teatral por meio do extraordinário potencial lúdico e sugestivo que a caracteriza, utilizando-a como estímulo a um pensamento crítico sobre o seu próprio “eu”. O curso é dado por Lígia Maria Ruvenalth, atriz, curadora de artes plásticas, diretora e pesquisadora de folclore, das artes cênicas, que se especializou na “menor máscara do mundo”, o nariz do Clown. Coordena também o projeto TRIPE (Teatro Referência Integral Para Educação). Foi Aluna de Augusto Boal (Teatro do Invisível e do Oprimido), Instituto Goethe e Espaço Loyal. O curso teve duração de cinco meses, com carga horária total de 70 horas, sendo cada reunião semanal de três horas de duração. Ao final do curso os participantes apresentaram a peça “O Burguês Fidalgo”, de Molière, no Clube Escola Unifesp, com entrada gratuita.

O **blog do Projeto Nassal** foi pensado como uma revista eletrônica de excelência na área de Humanidades em Saúde, com publicações sobre temas essencialmente humanistas: resenhas de livros, resenhas de filmes, crônicas, contos, poesias, vídeos, notícias de interesse à área da saúde, artigos dos principais pensadores e escritores brasileiros, tradução de artigos de sites estrangeiros, textos sobre a vida e a obra de médicos e cientistas humanistas e divulgação de eventos, cursos e demais atividades do Projeto. Há textos e materiais tanto de participantes do Projeto quanto de autores não ligados ao Projeto.

Resultados e Discussões

O Curso de Teatro com Ênfase na Linguagem do Clown teve 11 participantes no total, sendo 2 funcionários, 1 aluno de pós-graduação e 8 alunos de graduação. O Curso de História do Cinema conta com a participação de 12 pessoas: 1 funcionário, 2 docentes e 9 alunos de graduação. O Curso de História da Filosofia conta com 10 participantes, sendo 2 docentes, 2 funcionários, 2 alunos de pós-graduação e 4 alunos de graduação.

Com esses números conclui-se que as atividades propostas pelo Projeto atingiram todas as esferas da comunidade, promovendo uma maior interação entre seus membros e inclusão social por meio da arte e das humanidades.

Os resultados dessas iniciativas também se mostram positivos quando nos deparamos com os depoimentos dos participantes. Os participantes relatam como ganhos da experiência proporcionada pelas atividades do Projeto:

- enriquecimento da formação acadêmica e crescimento da própria pessoa;
- maior proximidade entre pessoas de setores diferentes da comunidade: alunos e docentes, alunos e funcionários, alunos de graduação e pós-graduação, gerando uma interação mais calorosa entre estas pessoas;
- formato essencialmente livre, sem o pré-requisito de um instrutor, no caso dos cursos de história do cinema e da filosofia;
- oportunidade de conhecer pontos de vista novos acerca de questões essenciais da existência humana, tais como a morte, o sofrimento, a solidão;
- enriquecimento cultural por meio do contato com grandes obras de arte;
- aprendizado sobre novas linguagens artísticas;
- espaço livre para discussão de temas humanistas.

São citados como dificuldades inerentes às atividades:

- escassez de tempo na grade curricular para leitura dos textos propostos e para assistir aos filmes recomendados;
- falta de profissionais das ciências humanas para fornecer mais subsídios para discussão;
- dificuldade para se expressar verbalmente num debate.

O blog do Projeto Nassal foi acessado 5.013 vezes desde Agosto de 2010, quando foi posto no ar, até Junho de 2011. A média de visitas por dia aumentou a cada mês, sendo 39 visitas por dia no mês de Maio. O tópico mais lido – uma resenha do filme “A Rede Social”, escrita por participante do Projeto e aluno de graduação – foi acessado 2.132 vezes desde que foi publicado, em 8 de Março de 2011.

O autor deste tópico teve um artigo publicado na sétima edição da Revista *Dicta&Contradicta* – principal revista de discussão filosófica e de ensaios sobre arte e cultura do país –, uma resenha sobre o livro *O Olhar da Mente*, de Oliver Sacks.

Está em elaboração um capítulo de livro sobre a justificativa e a experiência do Projeto Nassal, que fará parte de trabalho da Profa. Ana Lydia Sawaya, Livre-Docente do Departamento de Fisiologia da UNIFESP, em conjunto com a Profa. Marina Massimi, da USP-Ribeirão Preto e alunos de graduação do curso de Medicina da UNIFESP.

Conclusão

Por esses resultados conclui-se que as atividades propostas pelo Projeto Nassal contribuíram para uma formação mais humanista dos estudantes da área da saúde, que as atividades foram bem aceitas pela comunidade e que o Projeto gerou interface com a Pesquisa e o Ensino Universitário.

Referências

Bordin, G., D’Ambrosio, L. P. (2005). *Curare e Guarire – Occhio Artistico e Occhio Clinico. La malattia e la cura nell'arte pittorica occidentale*. Morales editore srl.

Colucci, C. (2011, 10 de Março). Medicina do Futuro. *Folha de São Paulo*.

Frenk, J., Chen, L. et al. Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in an interdependent world. *Lancet* 2010; 376: 1923–58.

Jatene, A. (2007). *Cartas a um jovem médico: uma escolha pela vida*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Marías, J. (2004). *História da Filosofia*. (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1941).

Ribeiro, R. J. (2001). *Humanidades – um novo curso na USP*. São Paulo: Edusp.

Scliar, M. (1996). *A Paixão Transformada – História da Medicina na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras.

Ortega y Gasset, J. (2007). *Misión de la Universidad y otros ensayos sobre educación y pedagogía*. Madrid: Alianza Editorial. (Original publicado em 1930).

